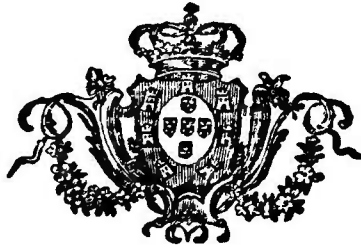






NARRAÇÃO
DOS APPLAUSOS
COM QUE
O JUIZ DO POVO
E
CASA DOS VINTE-QUATRO
FESTEJA A FELICÍSSIMA
INAUGURAÇÃO
D A
ESTATUA EQUESTRE
ONDE TAMBEM SE EXPÕEM AS ALLEGORIAS
dos Carros, Figuras, e tudo o mais concernente
às ditas Festas.



L I S B O A
NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.
ANNO MDCCLXXV.
Com Licença da Real Meza Censoria.

quelle perduravel Monumento, e tributar-lhe rendidas os dons proprios de cada huma, em agradecimento dos muitos beneficios por ellas singularmente recebidos.

No Carro, que representa a EUROPA, serve de primeiro Guia huma Figura, em que se symboliza a Gloria dos Principes. Irá ricamente vestida, levando sobre a cabeça hum círculo de joias, o cabello grande, e solto, hum ramo de louro na mão direita, e na espádoa, ou braço esquerdo huma Tarja á maneira de escudo, e nella gravada huma Pyramide. Serve de segundo Guia outra Figura, em que se symboliza a Honra, como primeiro móvel das acções dos Principes, que se representa em hum Mancebo robusto, vestido de purpura, cuberto com hum rico manto. Levará na cabeça hum elmo de ouro coroado de palmas, na mão direita huma hastea de lança, e na esquerda, ou enfeadas no braço, algumas coroas de louro, e zambu-

bujo , nas costas huma Tarja , e nella dous Templos com a letra: *HIC TERMINUS HÆRET*

Vê-se hum brioso Cavallo (symbo-
lo da Europa) sobre a prôa do Carro:
dentro deste dez Musicos instrumentistas,
e igual numero de Dançarinos , todos
mascarados , vestidos ricamente ao uso
Europeo , os quaes levarão nas mãos os
dons para tributar , que hão de ser das
mais custosas producções deste Continen-
te. No cume da pôpa irá em pé sobre
hum Pedestal a Figura da Europa , re-
presentada em huma formosa Matrona
trajada de roupas talaes Reaes muito ri-
cas , em cujos bordados se ostentarão os
primores das Artes , que nesta parte do
Mundo se exercitam ; coroa na cabeça,
e manto Imperiaes , demonstrativo de ser
a Europa a mais nobre , e senhora das
outras partes; na mão direita hum Tem-
plo , na esquerda hum Sceptro. No res-
paldo do Pedestal se vê hum troféo d'ar-
mas , e allusões Ecclesiasticas , e scientifi-
cas ,

cas , para denotar que a Europa , e especialmente este Reino , he o centro da pura Religião , e onde melhor se cultivam as Armas , e Sciencias.

Sobre as duas Volutas da pôpa vam duas Estatuas douradas : Na do lado direito se representa Pallas , Protecçora das Armas ; na da esquerda as Sciencias , e Artes Liberaes , e Mecanicas. Esta Figura irá coroada de louro com huma estrela na cabeça , roupas talares , na mão direita hum prumo , e esquadrio , na esquerda alguns livros , as fasces consulares , &c.

No segundo Carro se representa a ASIA , que em razão dos vastos Dominios alli ganhados com immortal gloria pelos Portuguezes , vem nesta occasião render ao seu , e nosso MONARCA a devida vassallagem. Será pois o primeiro Guia huma Figura symbolo da Sujeição : Irá vestida como as mais , que vam no mesmo Carro , sem turbante na cabeça , e em lugar delle levará por coroa hum

cadeia, na mão direita hum Sceptro cingido com huma cadeia, nas espádoas, ou costas huma Tarja, e nella huma Torre atada com huma cadeia, e huma espada em fima.

No segundo Guia deste Carro se symboliza a Victoria, pelas muitas, que tem ganhado os Portuguezes ás Nações Asiaticas. Irá ricamente vestido, levará peito, e elmo de prata coroado de louro, e muitas plumas, manto encarnado, na mão direita huma palma, no braço esquerdo, ou espádoas huma Tarja, em que se vê hum troféo d'armas destrocado, e em fima a Clava de Hercules. Sobre a prôa vai hum Camelo guiado por hum Asiatico, como symbolo desta parte do Mundo. Dentro do Carro vam dez Musicos instrumentistas, e dez Dançarinos mascarados, vestidos custosamente com trajes Orientaes; e sobre hum Pedestal na pôpa do Carro vai a figura da Asia, representada em huma Dama coroada de flores, frutos, e espigas de trigo:

go: levará sumptuosos vestidos com bordados de ouro, perolas, pedras, &c. Na mão direita hum perfumador, no qual queimará incenso, e na esquerda hum vaso, em que o guarda, e hum ramo de palma com algumas tamaras.

O terceiro Carro representa a **AFRICA**, onde o nosso **REY** he conhecido, e respeitado nas mais incultas Regiões, pelos dilatados Dominios, que alli possui, e singular amor, e justiça, que debaixo do seu Governo experimentam aquelles Barbaros; os quaes temerosos de provarem a crueldade de algum feroz Conquistador, anciosamente sollicitáram a paz com os Portuguezes, com cuja protecção vivem seguros. He pois o primeiro Guia huma Figura symbolica do Temor, que virá trajada da mesma forte, que os que occupam o Carro: sobre o vestido huma pelle de Cervo, e a cabeça deste lhe servirá de capacete, (os olhos do Cervo serão rodeados de pennas encarnadas) nas costas, ou braço esquerdo huma Tarja, e
 nel-

nella hum Alfange quebrado , e huns grilhões em fima.

O segundo Guia he huma Figura , que representa a paz , tão desejada , e procurada destes timidos Nacionaes. Irá vestida ricamente de branco , coroadada de oliveira , e espigas de trigo , levando na mão direita o Caducêo , e no braço esquerdo , ou espádoas huma Tarja , em que se vê huma Clava , e a ella atados hum Lobo , e huma Ovelha com estas letras: *PAX AUGUSTI*. Sobre a prôa vai sentado hum Casre negro , abraçado com hum dente de marfim , em final das producções , e tributos daquelle Continente , e dentro do Carro dez Musicos instrumentistas , e dez Dançarinos mascarados , vestidos pomposamente á Africana. Na pôpa se vê hum Elefante , symbolo da Africa , e esta sobre elle sentada em humas andilhas , a qual se representa em huma Dama de côr preta , cabello revolto , quasi nua , com huma cabeça de Elefante por capacete , arrecadas nas ore-

b

llhas ,

lhas , fio de perolas , e ramos de coral ao pescoço , manilhas de ouro , e perolas nos braços , e pernas , na cintura hum rico panno , que lhe serve de decente compostura , aljava , e arco a tiracólo , na mão direita hum Escorpião , e na esquerda huma Cornucopia cheia de flores , frutos , e espigas de trigo.

Representa-se no quarto Carro a AMERICA , a qual pela excessiva abundancia das riquezas , que produz , e animo generoso dos seus Nacionaes , terá por primeiro Guia a Figura da Generosidade , vestida como as que vem no Carro : trará coroa , que lhe cinja as pennas da cabeça , manto rico Regio , sem aljava , nem arco , o braço direito nú , e na mão hum compasso , no braço esquerdo , ou costas huma Tarja , e nella hum Leão de ouro , que volta huma Cornucopia de joias , e dinheiro. Serve de segundo Guia a Figura da Riqueza , que se verá opulentamente vestida de habitos Reaes , manto bordado de joias , perolas , e dinheiros ,

ros , &c. com huma riquissima coroa de joias na cabeça , na mão direita hum sceptro , no braço esquerdo , ou costas huma Tarja , e nella hum Cofre aberto , tão cheio de dinheiro , e joias , que traf-bordem por fóra.

Na prôa se vê sentado hum Cabouclo ataviado ao uso do seu Paiz , com alguns frutos , aves , e animaes competentes. Dentro do Carro vam dez Musicos instrumentistas , e dez Dançarinos mascarados , vestidos á Americana. Na pôpa se divisa hum grande Jacaré , symbolo da America , sobre o qual ella irá sentada , na figura de huma Dama , de côr baça , quasi núa , coroadada , e cingida de pennas : de hum dos hombros lhe pende hum véo listado , e muito rico , com o qual se cobre decentemente ; e do outro , pendente de hum precioso tiracólo , huma aljava , na mão direita huma fréxa , na esquerda o arco , debaixo huma cabeça humana passada com huma setta. Pela estrutura do Carro irão figurados varios animaes , e aves do Paiz.

*Os outros tres Carros são de Apollo ,
Oceano , e Portugal Triunfante.*

NO primeiro se vê Apollo sentado na Tripode , figurado em hum gentil Mancebo , de cabellos louros , com coroa de louro verde na cabeça , vestido d'armas Europeas , e com huma roupa de livre composição de côr encarnada , estibaletes da mesma côr nos pés , na mão esquerda a Lyra , e na direita arco , e frêchas , sobre o hombro a aljava.

Dos dous lados deste Carro se vem quatro Figuras , que são :

Parte direita.

AURORA.
MEIO DIA.

Parte esquerda.

TARDE.
NOITE.

correspondentes ás quatro partes , de que se compõe o dia , a que preside Apollo.

A Aurora se figura em huma Mulher formosa , de cabellos louros , com huma estrella na cabeça : será vestida de

rou-

roupas talares encarnadas , levando na mão direita hum facho de fogo , e na esquerda algumas flores.

O Meio dia se representa em hum Homem de idade varonil , vestido de côr de ouro : trará na cabeça hum laurel de louro verde , na mão direita hum semicirculo , para o qual apontará com o dedo indice da mão esquerda.

A Tarde se figura em huma Mulher de meia idade , de côr não muito alva , cabello castanho , vestida de côr amarella escura. Levará na mão direita huma sedella , e cana de pescar , e na esquerda hum ramo de campainhas amarellas , e ao pé alguns peixes.

A Noite he representada por huma Mulher de côr macilenta , cabellos negros , e sobre elles huma coroa de dormideiras. Levará vestida huma roupa talar azul com estrellas brancas , levando na mão direita hum facho de fogo , e apontando com a esquerda para o chão , e ao pé huma Coruja.

To-

Todo este Carro será guarnecido de verde, esmaltado de ouro, e prata. Os seis Cavallos, que por elle pucham, serão cubertos de telizes verdes guarnecidos de prata : os jaezes serão da mesma côr, e guarnição ; e as rodas do Carro golpeadas com folhas verdes.

O segundo Carro he occupado pelo Oceano, e Thetis. O Oceano se representa em hum Homem ancião de barbas compridas, e cabellos castanhos claros: sobre a cabeça hum Diadema moral, na mão direita o Tridente : irá quasi nú, mas com huma capa ligeira verde. Thetis se figura em huma Mulher formosa de meia idade, cabellos brancos. Irá sentada, e vestida com huma roupa verde, semelhante á do Oceano. Vem neste Carro quatro Ninfas com suas offrendas proprias das Regiões, que habitam,

As quaes são

GALATHÉA.	TAGIDE.
EPHEDRIADES.	NAYADA.

Ga-

Galathéa he representada por huma Mulher formosa, de cabellos louros, vestida com huma roupa curta azulada, que lhe não cubra os braços, e peitos: nas mãos terá huma baixella, na qual traz algumas peças d'ouro, e prata.

Ephedriades se figura em huma Mulher formosa, de côr rubicunda, cabellos ruivos, vestida de côr vermelha, trazendo nas mãos huma arvore de coral.

Nayada se demonstra em huma Mulher de meia idade, clara, cabellos azulados, roupa talar côr de prata: e nas mãos trará huma concha cheia d'aljofares, e fios de perolas.

Tagide figura-se em huma Mulher de aspecto alegre, cabellos castanhos, vestida de côr verde singela, e ao pé huma Tartaruga, e Buzios.

Na almofada vai sentada a Figura do Téjo, o qual se representa em hum Homem bastantemente velho, vestido com huma veste curta, e justa, golpeado de conchas azues, e com huma capa amarela:

la : sobre a cabeça terá huma concha , e nella , em lugar de plumas , varias espadanas. A almofada será azul esquartelada de prata.

A Figura do Guia , ou Mochila representa o Douro , que em tudo imitará a Figura do Téjo , porém não terá barbas.

Na frente do Carro se vê hum Tritão de estatura corpolenta com meio corpo de Homem , e meio de Sereia , e com duas caudas cheias de conchas. Levará sobre a cabeça hum laurel de folhas de Golfão , na mão direita hum Buzio , em acção de o tocar.

Os seis Cavallos , que tiram por este Carro , serão cubertos de redes azues esquarteladas de prata : as rodas serão enlaçadas de conchas , peixes espadas , e safios , e todo o Carro em si prateado , e escurecido d'azul escuro , com algumas conchas côr de rosa , e amarellas.

Neste Carro vam Poetas , e vinte e quatro Muficos instrumentistas , por ser
de

dedicado a Apollo , que he o Protector destas duas Artes. Pela banda de baixo do Carro haverá seis janellas , donde se irão deitando pelas Ruas , e Praças toda a qualidade de Versos , que houver. E de cada hum de todos os outros Carros se irão da mesma fórma deitando as respectivas Allegorias , e Explicações.

No terceiro Carro se representa Portugal Triunfante , pela protecção das Sciencias , e Artes Liberaes.

Portugal se figura no Heroe sentado sobre o Throno , vestido d'armas Europeas , roupa talar , capa magna carmezim forrada de pelles , elmo dourado na cabeça , sobre elle huma Serpente , e hum laurel de louro verde , na mão direita o Sceptro de ouro , e na esquerda o Escudo com as Quinas de Portugal. Immediatas a elle se vem quatro Figuras , que representam as quatro Virtudes.

**JUSTIÇA. AMOR DA PATRIA.
BENIGNIDADE. LIBERALIDADE.**

A Justiça se representa vestida toda de huma roupa talar branca , com espada na mão direita , e na esquerda as balanças. Levará hum collar de ouro , e nelle pendente hum olho.

A Benignidade se figura em huma Mulher vestida de roupa talar de côr azul , espremendo os peitos com as mãos. Ao seu lado esquerdo se vê hum pedestal marchetado de estrellas de ouro , e sobre elle huma chamma de fogo.

O Amor da Patria he figurado por hum Mancebo vigoroso , vestido como os Soldados Romanos , de armas azues , aos pés varias armas , na mão direita huma coroa de Grama , e na esquerda huma de Quercia.

A Liberalidade se figura em huma Mulher vestida de branco , e com huma Aguia na cabeça : na mão direita terá hum compasso , e huma cornucopia cheia de flores , e frutos.

Na frente do Carro , viradas para o Heroe , se mostram as Artes Liberaes , rendendo-lhe vassallagem.

**MATHEMATICA. ARQUITECTURA.
COMMERCIO. P I N T U R A.
H I S T O R I A. ESCULTURA.**

A Mathematica se finge ser huma Mulher de meia idade , vestida de hum véo branco transparente , com azas na cabeça. Na mão direita terá hum compasso , mostrando medir huma taboa , e nesta desenhadas algumas figuras geometricas : na mão esquerda o Globo Terraqueo , e no cinto bordadas algumas figuras geometricas.

O Commercio se representa em hum Homem vestido custosamente de azul claro , e côr de rosa , imitando as antigas vestes de Portugal. Na mão direita huma cornucopia de frutos , e flores , e na esquerda o Caducêo de Mercurio , e huma bolsa de dinheiro : aos pés huns poucos de Livros abertos com algarifmos de contas.

A Historia figura-se em huma Mulher com azas, vestida de branco, a qual terá hum Livro aberto, onde mostra escrever. Junto a esta Figura se vê a de Saturno, e sobre elle estará o Livro, onde se escreve.

A Architectura he representada por huma Mulher de cabellos louros, com os braços nús, vestida de côr cambiante, e terá em huma das mãos hum prumo, compasso, e esquadrio, e na outra hum papel com plantas, figuras de capiteis, e columnas.

A Pintura se representa em huma Mulher formosa, de cabellos negros, espalhados em graciosa composição, com huma cadeia de ouro ao pescoço, na qual se vê pendente huma mascara, na tésta huma ligadura, e nella escrito *IMITATIO*: em huma das mãos pincel, e na outra a palheta, e tintas.

A Escultura he figurada em huma Mulher formosa, vestida de côr de rosa, o adorno da cabeça negligente, e sobre ella

ella terá hum ramo de louro verde: terá a mão direita sobre huma Estatua , e na outra hum martélo de bocas , e huns ponteiros.

Por despojo do Triunfo se vem prezas nos lados do Carro quatro Figuras, que representam a

**DISCORDIA. IGNORANCIA.
FUROR. HYPOCRISIA.**

Figura-se a Discordia em huma Furia infernal, vestida de varias cores, com a cabeça esgadelhada, cujos cabellos serão cobras: terá na tésta huma cinta ensanguentada, e no regaço huma tira de papel, em que esteja escrito *ENREDOS*.

O Furor he figurado por hum Homem de aspecto terrivel, e furibundo, o qual terá nos olhos huma venda, e debaixo de si algumas armas, como lanças, espadas, &c., os braços nús, o vestido justo, e curto, e toda a Figura mal composta.

A Ignorancia he representada por huma Mulher corpulenta com os olhos vendados, orelhas compridas, e agudas, na cabeça coroa de dormideiras, virá descalça, mas vestida sumptuosamente de côr de ouro, e na mão direita huma cana.

Figura-se a Hypocrisia em huma Mulher magra, e pállida, vestida de estame-nha parda, rota em muitas partes, com a cabeça inclinada para baixo, sobre a qual trará hum véo, que lhe cubra toda a cara: terá o braço esquerdo vestido, e o direito nú, no regaço humas contas grossas, e hum Livro aberto: os pés serão de Lobo.

Na frente do Carro, virada para fóra, se vê a Fama publicando o Triunfo.

Figura-se a Fama em huma Mulher formosa com azas nas costas, huma trombeta na mão direita, e na esquerda hum ramo de oliveira. Será vestida de roupa branca curta, apertada com hum cinto de ouro, e pendente delle hum coração.

Na

Na almofada vai servindo de Cocheiro a Figura da Prudencia.

Esta se representa em huma Mulher vestida de azul escuro, com capacete dourado, cingido de folhas de espadana: em huma das mãos huma Serpente com hum espelho ustorio, e na outra huma setta: será calçada com estibaletes de fitas roxas.

De Mochila, ou Guia serve Mercurio, enviado pelos Deoses,

O qual se figura em hum Mancebo de vestido justo, e cambiante, huma capa amarella traçada, capacete dourado, com azas, e nos pés estibaletes de fitas azues.

Todo este Carro será dourado, e os raios das rodas imitando lavaredas. Será tirado por oito Urcos brancos, cubertos de tellizes encarnados, esquartelados de ouro, e jaezes do mesmo.

REGULAÇÃO DAS DANÇAS, *Que acompanham os Carros, e seus vestuários.*

PRimeiramente o Carro de PORTUGAL TRIUNFANTE será acompanhado de trinta mascaras de cavallo, vestidos ricamente, seis dos quaes tocarão alguns instrumentos bellicos.

Cada hum dos outros seis Carros será acompanhado de oito mascaras de pé, igualmente bem vestidos.

As mulheres das Danças se dividem em quatro Ranchos, a saber: O do Campo de Santa Anna, que acompanharão o Carro da America: O da Ribeira do Peixe, que acompanham o Carro d'Africa: O das Hortelôas, que acompanhará o Carro d'Asia: E o das Collarejas, que acompanhará o Carro da Europa. Nunca se apartará cada hum destes Ranchos do seu respectivo Carro, tanto pelas Ruas, como na Praça do Commercio. Os seus vestidos são da maneira seguinte.

As

As do Campo de Santa Anna vestem roupinhas azues, e faias côr de rosa á Camponeza, tudo agalocado de ouro: na cabeça coifas côr de rosa bordadas de prata, e chapellinhos brancos redondos, com laços de fitas pendentes. O calçado destas, e das mais todas, serão irmão da côr do vestuario.

As da Ribeira do Peixe trajam á Hespanhola, de branco, e preto, com mantilhas brancas agaloadas de ouro, e as roupinhas de prata, coifas brancas bordadas de ouro.

As Hortelôas trajam todas de côr verde com galões de ouro, coifas verdes bordadas do mesmo, bandas de flores a tiracólo, e ramalhetes nas mãos.

As Collarejas vestem faias azues, e roupinhas côr de rosa, tudo agalocado de prata, coifas azues bordadas do mesmo, e arcos de flores nas mãos.

DESCRIÇÃO DA ORDEM,

*Em que hão de marchar os Carros, e Danças
para a Praça do Commercio.*

NO dia sete de Junho, pelas tres horas da tarde, sahiráõ os Carros, e Danças do largo immediato ao Passeio público, e marcharáõ para a Praça do Commercio na seguinte ordem.

Irá adiante o Carro da AMERICA, seguido de sua já apontada Dança do Campo de Santa Anna, e escoltado dos seus oito Comparfas, ou Mascaras de pé. Logo depois o da AFRICA, acompanhado da mesma fórma pelos seus Comparfas, e Dança da Ribeira do Peixe. Immediato a este o da ASIA, tambem seguido dos seus Comparfas, e Dança das Hortelôas. E ultimamente o da EUROPA com o mesmo sequito, Dança das Collarejas, e seis Comparfas a cavallo. Seguir-se-ha depois deste o Carro de APOLLO, rodeado dos seus oito Mascaras de pé. Logo o do Oceano, assim mesmo acompanhado. E

em

em ultimo lugar o de PORTUGAL TRIUNFANTE , com a comitiva dos sincoenta Mascaras de cavallo. Nesta ferie caminharão pela Rua Augusta até á Praça do Commercio , onde , logo que chegarem , irão desfilando deste modo: A AMERICA occupará o angulo esquerdo da Praça , para a banda da Cidade ; o da AFRICA o direito da mesma banda ; o da ASIA o angulo esquerdo da banda do mar ; e o da EUROPA o direito. Além destes , o Carro de APOLLO ficará por detrás da ESTATUA EQUESTRE ; e o do OCEANO occupará o lado esquerdo da mesma. Ficarão pelo referido modo parados todos os Carros nos lugares assignados , cada hum com a comitiva de Dança , e Mascaras , que trouxe , que nunca se affastaráo delles. Neste tempo os sincoenta Comparfas , que precedem o Carro de PORTUGAL , chegando ao Arco Triunfal á entrada da Praça , se dividem todos em duas iguaes , e bem concertadas alas , pelo meio das

d ii

quaes

quaes passará para a Praça o Carro, e ficarão as ditas fileiras persistindo nos mesmos lugares, em que se formáram, até que outra vez o Carro ao sahir passe por entre ellas. O que feito, o acompanharão unidos como á ida. Quando este Carro chegar ao lado direito da **ESTATUA**, se dará princípio no de **APOLLO** a huma synfonia, que logo acompanharão os Musicos dos quatro Carros dos angulos. Acabada ella, se moverá o Carro de **POR'TUGAL** a fazer as suas continencias, passando por diante da **ESTATUA**, e voltará para o seu lugar. Seguir-se-ha o Carro do **OCEANO**, que feita a mesma venia, voltará a occupar o seu posto; e ultimamente irá fazer as continencias o Carro de **APOLLO**, no qual tocarão sempre os instrumentos, até que volte ao seu lugar; onde, tanto que chegar, ficarão em silencio.

Seguem-se immediatamente as venias dos quatro Carros angulares; dos quaes ferá o primeiro a fazellas o da **EUROPA**,
de-

depois o da ASIA , logo o da AFRICA , e ultimamente o da AMERICA.

As continencias destes Carros se farão , parando cada hum delles defronte da ESTATUA em distancia competente ; e descendo delles os Dançarinos a fazer venias , as farão tambem as Mulheres da respectiva Dança ; e findas humas , e outras reverencias , começarão ellas o seu baile , e elles a dança , acompanhando os instrumentos do seu Carro ; e finda a dança , recolhidos os Dançarinos ao Carro , volta este ao seu posto , e dá lugar a que os outros façam o mesmo.

Acabadas as continencias de todos os sete Carros , se começa no de APOLLO huma synfonia continuada pelos Musicos dos outros , como no princípio ; e finda esta , sahem da Praça , guardando as mesmas precedencias , e ordem , que trouxeram á entrada.

F E S T I M

Da noite 6 de Junho, e seguintes de 7, e 8.

O JUIZ DO POVO, e DEPUTADOS da Casa dos Vinte-Quatro estarão na Sala destinada, cada hum no seu lugar devido, ás oito horas da tarde do dia seis de Junho. Começarão a Acção por huma Sonata, que executarão os Musicos: no fim da qual, levantando-se o Juiz do Povo, recitará huma Oração Gratulatoria em obsequio da felicissima Inauguração, cujo fim, e remate, que he o Verso de Acclamação:

Viva JOSÉ AUGUSTO, Viva, Viva,

repetirão todas as Pessoas, que estiverem na Sala, e o repetirá tambem a Musica, com os outros tres Versos do Estribilho; e no fim deste, calada a Musica, se levantará outra vez o Juiz do Povo, e recitará a sua Ode; a qual acabada, re-
pe-

petirá a Musica outra vez os quatro Versos do Estribilho, e executará a primeira Estrofe do Hymno. Concluida esta, e o seu Estribilho, se levantará o Escrivão do Povo, e recitará os Versos, que lhe competirem: o que tambem logo successivamente farão mais dous Deputados. Depois executa a Musica a segunda Estrofe, e Estribilho; no fim do que, outros tres Deputados repetem da fórma sobredita os seus Versos; e assim se vam alternando no fim de cada Estrofe tres recitações de Versos, até se findar o Hymno, e todos os Deputados repetirẽ os Versos, que lhes tocar.

Nos intervallos desta Acção poderão as Pessoas, que a ella assistirem pelos Bilhetes distribuidos, ir tomar refrescos a tres Mezas, que estarão para esse fim compostas, e patentes em huma das Salas. Acabada porém toda a função da Musica, irão as Pessoas todas, que com os referidos Bilhetes tiverem assistido, tomar a Colação ás ditas Mezas: e logo de-

depois se começarão Danças , e Contra-danças , que finalizarão ao romper da Alva. Nas seguintes duas noites , depois de acabado o fogo da Praça , se repetirá o mesmo. Nellas se não recita Oração , Versos , nem se executa o Hymno da primeira ; mas a Musica dirá o que lhe parecer , antes de se começar a Colação , e as Danças , com que se conclue o Festejo.

HYMNO, ODE,
E
ORAÇÃO
GRATULATORIA
PELA
INAUGURAÇÃO
DO
REGIO MONUMENTO.

ORACÃO
GRATULATORIA,
QUE RECITA
O MUITO HONRADO
JUIZ DO POVO
NA CASA
DOS VINTE-QUATRO.

I

CHEGOU em fim , Honrados
Companheiros , o faustissimo ,
e suspirado dia , em que pode-
mos todos os fieis Vassallos do
nosso Amabilissimo MONARCA defaba-
far os vivos sentimentos , que nos trans-
portam. Tantos eram , e tão grandes os
beneficios , que da liberal Mão do SO-
BERANO se tinham derramado sobre o
seu Povo , que forçosamente exigiam da
nosssa parte , não hum agradecimento equi-
valente de si mesmo impossivel , mas ao

e ii

me-

menos huma lembrança perduravel , que testemunhasse á Posteridade a nossa Gratitude. Tudo quanto viamos , e discorriamos eram pungentes estímulos , que nos impelliam sem cessar a que rompessemos hum silencio , que podia manchar a pureza do nosso reconhecimento no conceito das Nações mais civilizadas , que talvez já nos arguiam de insensiveis , e desconhecidos ao melhor dos Principes.

2. Tínhamos diante dos olhos hum Reino , que elle achou decadente , exhausted , e falto de tudo o que costuma augmentar os Póvos , subido pelas suas Providencias ao maior auge de gloria , e de felicidade : Aquelle antigo credito , e fama do nome Portuguez quasi extincto , outra vez respeitado pelo restablecimento das Letras , e instauração da Universidade , pela protecção das Artes , pela disciplina , e luzimento das Armas , que a longa paz tinha sem razão deixado cubrir de pó , e de ferrugem. O Commercio , a Lavoura , e as Manufacturas , ou per-

perdidas , ou até então desconhecidas entre nós , de novo prosperas , e florecentes. A Justiça , pelas suas faudaveis , e prudentes Leis , administrada com perfeita igualdade a Grandes , e a pequenos , d'antes opprimidos com o orgulho dos poderosos.

3 Estes , e outros muitos eram os beneficios geralmente espalhados sobre o Reino todo. Porém quantos mais não foram os que recebeo a nossa Lisboa ? Apenas a lamentavamos sepultada entre montões de ruinas a impulsos d'hum dos mais horriveis Fenomenos , quando em lugar de huma Cidade de barro , despojo do furor dos Elementos , vimos de repente levantar-se outra fabricada de marmores , cheia de sumptuosos edificios , composta de formosissimas , e bem rasgadas Ruas , vistosas Praças , e soberbos Templos. O novo Plano de administração , e arrecadação da Fazenda , e Patrimonio Real commettido a hum Ministro de conhecido zelo , e patrioticas Virtudes , e a Sogeitos de

de incorrupta fidelidade. A Creação do Censorio Tribunal , erigido para dester-
 rar as trévas da ignorancia , e illudir as in-
 vectivas da superstição. Hum amplissimo
 Celleiro destinado a manter nesta Cidade
 a abundancia contra os fordidos interesses
 dos monopolistas. Mas para que he fa-
 tigar as vossas attenções ? Que lugar ha
 aqui para onde encaminhemos os passos ,
 para onde voltemos os olhos , que não
 nos offereçam monumentos da Piedade ,
 do Affecto , do Cuidado , e da Vigilanc-
 cia do nosso AUGUSTISSIMO REY ?
 Afsás o testemunham a frequencia dos
 Passeios , e públicos Espectaculos ; a no-
 bre Architectura de perennes Fontes , a
 bem regulada Policia , que nos assegura
 de nocturnos insultos , e suffoca a vora-
 cidade dos incendios ; a ampla , e magni-
 fica Doação , com que o Hospital Geral
 já não fica sendo o ultimo , e mais cala-
 mitoso refugio das miserias humanas ; po-
 rém hum asylo cómodo , e digno da
 mais util , e necessaria porção do Estado.

Ca-

4 Cada hum destes favores bastaria fó para eternizar o nome de qualquer Monarca , e fazello denominar o *PAI DA PATRIA*; mas o maior , que devemos ao nosso Amabilissimo SOBERANO , he a escolha que fez de hum Varão capaz de desempenhar os seus vastos designios : para cujo importante acerto , guiado do Paternal affecto , com que ama o bem dos seus Vassallos , e da Luz superior , que a Providencia infunde naquelles , a quem confia o governo dos Póvos , achou na Pessoa do Illustrissimo , e Excellentissimo MARQUEZ DE POMBAL hum Coração amoldado ao seu Regio Espirito , e cheio de hum ardente amor á Patria , pela qual não tem poupado diligencia alguma para elevalla ao cume de prosperidades que admiramos. Nem póde duvidar-se , que todas as que possuímos se derivam do completo conhecimento , que o SOBERANO teve dos raros talentos daquelle incomparavel Ministro , que já mais deixou de dar glorioso remate a todas as dif-

difficeis, e arriscadas emprezas, que huma vez intentou, sem que o assombrassem ferozes monstros, e nem aquelles nefandos Individuos, cujas cabalas, e até então inexcrutaveis intrigas tinham por mais de dous Seculos posto grande parte do Orbe conhecido na mais dura, e infame escravidão. Seguro elle, e apoiado na Vontade do Principe, que só desejava a perfeita felicidade do seu Reino, e sustentado pela constante Virtude, calcou intrepido, e triunfou de todos os quasi invenciveis obstaculos que o embarçavam.

5 Não menos que a estreita obrigação, em que nos punham tão multiplicados favores recebidos por nós, e especialmente por esta Cidade, accusavam tambem o nosso silencio o exemplo do que outras Nações tinham obrado em todo o tempo com os seus Monarcas, e ainda com os seus Generaes, (que talvez só deram á Patria hum vão titulo de Conquistadora de huma Provincia comprado
com

com innumeraveis thesouros , e rios de sangue dos Cidadãos, a quem com tudo se erigiram celeberrimos Padrões destinados a eternizar-lhes as suas memorias, depois de terem recebido honorificas acclamações , pomposos triunfos , e os mais lifonjeiros appellidos,) e despertava por momentos em todos os fieis Vassallos hum ardentissimo desejo de não parecermos desconhecidos a quem punha todas as suas delicias em fazer-nos venturosos.

6 O Egypto com suas vaidosas Pyramides ; Roma com as suas elegantes Estatuas , elevadas Columnas , soberbos Obeliscos , famosos Anfiteatros , e até em fim com os seus fastosos Templos erigidos em obsequio dos seus Heroes, e Imperadores ; daquelles mesmos , que ou se tinham só empregado em adquirir o nome de Conquistadores por meio das publicas oppressões , e calamidades ; ou tinham vivido obscuramente sem gloria alguma ; e ainda nos nossos tempos França , fazendo perpétuo o nome de Luiz o
 f Gran-

Grande ; e Inglaterra solemnizando com perduraveis testemunhos as guerreiras acções do Duque de Malborough , simples particular , nos criminavam cada dia como ingratos a hum REY , que tinha empregado todo o tempo do seu sempre memoravel Reinado em encher-nos dos maiores beneficios.

7 Hoje pois que reverentes , e agradecidos tributamos ao nosso Bemfeitor , ao nosso Pai , e em fim ao nosso AUGUSTISSIMO SENHOR , e MONARCA o GRANDE JOSÉ I. hum tenue penhor da nossa gratidão , esculpindo no rijo bronze , e nos duros marmores aquelle , que já , ha muito gravado em nossos corações , nos incita a hum amor , e respeito filial , devo congratular-me , e congratular-vos de que se reservassè aos nossos dias a honra de ver levantar este perpétuo Monumento á sua Memoria. Exultemos todos com o mais vivo prazer , e sejam nossas festivas acclamações demonstradoras daquelle intimo gozo , que reina em nossos peitos al-

ta-

tamente penetrados de hum juſto , e devido reconhecimento.

8 Eia , Honrados Amigos , e Companheiros , que participais igualmente de tanta dita , e de tanto júbilo , ajudai-me a applaudir o CLEMENTISSIMO PAI DA PATRIA , acompanhando os meus plauſiveis écos , e dizendo com a mais entranhavel alegria :

Viva JOSÉ Augusto , viva , viva.

H Y M N O

Para cantar-se por Musica.

C O R O I.

Viva JOSÉ Augusto , viva , viva ;
 Pois que a noſſa geral proſperidade
 Sómente ſe deriva
 Da longa duração da ſua Idade.

C O R O II.

Sempre fereno , e alegre
Venha este fausto dia
À Lufa Monarquia
Prazer , e gloria dar.
Febo largando as redeas
Aos nitidos cavallos ,
Volte os Fieis Vassallos
Com elle a contentar.

C O R O I.

Viva JOSÉ Augusto , viva , viva ;
Pois que a nossa geral prosperidade
Sómente se deriva
Da longa duração da sua Idade.

C O R O II.

Do incenso o fumo espedro
Não turve os limpos ares ,
Nem vam puros Altares
As Victimas manchar.

Dos

(45)

Dos nossos corações
Os fervorosos votos,
Dos Astros mais remotos
Se façam escutar.

C O R O I.

Viva JOSÉ Augusto, viva, viva ;
Pois que a nossa geral prosperidade
 Sómente se deriva
Da longa duração da sua Idade.

C O R O II.

Oh Tu, que o Mundo reges,
Se amas o vasto Imperio,
Que em hum, e outro Hemisferio
 Quizeste a ti fundar:
Conferva o Pai da Patria
O Justo REY Clemente,
Que déste á Lusã Gente
Por Numen Tutelar.

Co-

C O R O I.

Viva JOSÉ Augusto, viva, viva;
Pois que a nossa geral prosperidade
 Sómente se deriva
Da longa duração da sua Idade.

C O R O II.

Conferva-nos POMBAL,
 Que o Reino, como Athlante
 Nos hombros de diamante
 Só póde sustentar.
He tudo o que gozamos
 Fruto do seu trabalho;
He só deste CARVALHO,
 Que o Mel se vê suar.

C O R O I.

Viva JOSÉ Augusto, viva, viva;
Pois que a nossa geral prosperidade
 Sómente se deriva
Da longa duração da sua Idade.

Co-

C O R O II.

Consente pois que a Estatua
Do nosso REY Augusto,
E de POMBAL o busto
Possamos venerar.
E chegue desta sorte
Em muda, e firme Historia
Sua immortal memoria
Do Tempo a triunfar.

C O R O I.

Viva JOSÉ Augusto, viva, viva;
Pois que a nossa geral prosperidade
Sómente se deriva
Da longa duração da sua Idade.

C O R O II.

Por Ti os Reys governam;
E a tenue vassallagem
Rendida á sua imagem,
Á tua cremos dar.

Os

Os míseros humanos
Com tenues sacrificios
Tão grandes beneficios
Só podem compenfar.

C O R O I.

Viva JOSÉ Augusto, viva, viva;
Pois que a nossa geral prosperidade
Sómente se deriva
Da longa duração da sua Idade.

C O R O II.

Seu Nome glorioso
Dos bens, que em nós derrama,
Por vozes vá da Fama
Encher a Terra, e o Mar.
Hum Pólo, e outro sejam
Limites inda estreitos;
E como em nossos peitos,
Se faça no Orbe amar.

C O R O I.

Viva JOSÉ Augusto, viva, viva ;
Pois que a nossa geral prosperidade
 Sómente se deriva
Da longa duração da sua Idade.

C O R O II.

O REY benigno adorem
As gerações futuras,
Que mil, e mil venturas
Lhes soube preparar.
E nós que de as gozar
A dita feliz temos,
Aos Ceos já mais cessemos
Continuos de clamar.

C O R O I. E II.

Viva JOSÉ Augusto, viva, viva ;
Pois que a nossa geral prosperidade
 Sómente se deriva
Da longa duração da sua Idade.

O D E.

Feliz exulta , ó Lyfia generosa ,
Festiva applaude a Gloria deste dia ;
E em vós harmoniosa ,
Com doce melodia

Hymnos entoas ao teu **MONARCA** Justo ,
Mais pio, e excelso, que o **Romano Augusto**.

Pelo seu **Regio** braço vês prostrados
Féros monstros , que prêza te arrastravam ;
Os ferros vês quebrados ,
Que infames te ligavam ;
Restauras a perdida **Liberdade** ,
Só te avassalla a *sólida Verdade*.

De cativa te exaltas triunfante ,
Hoje ao teu carro vês maniatadas
Com horrído semblante
Em correntes pezadas
A feva **Hypocrisia** lânguínosa ,
A fallaz **Ignorancia** apparatusa.

A **Discordia** , e o **Furor** embravecidos ,
Que em teu sangue crueis se apascentavam ,
Que

Que os filhos mal unidos
Do feio te roubavam
Ao teu jugo a cerviz dura sujeitam,
E tuas fantas Leis hoje respeitam.

O fanatismo geme em duros laços,
Os vesgos olhos rábido torcendo ;
Morde os ligados braços
Em furia infana ardendo ;
Não soffre a luz, que as mentes allumia,
E que as trévas converte em claro dia.

Grata por tanto beija a Mão potente
Do Grande REY, por quem cheia de gloria
Alças a altiva frente :
No Templo da Memoria
Ergue Altares a quem te exaltou tanto,
Com invejas do Orbe, e com espanto.

Ao DEOS Supremo votos fervorosos
Faze por teu Magnanimo MONARCA,
A fim que numerosos
Seculos, (sem que a Parca
Da sua Protecção ouse privar-te)
Em tanta gloria possa conservar-te.

S O N E T O

Para recitar o Escrivão do Povo.

SE vai de boca em boca hoje á porfia
O Augusto Nome , com que Lyfia exulta,
Desde onde o Sol nas aguas se sepulta,
A encher os climas , em que nasce o dia :

Se hoje os peitos inunda de alegria
Esta festiva acção vistosa , e culta ,
Deve-se a gloria , que daqui resulta ,
Dos Vinte-Quatro á honrada Companhia.

Mas quẽ com mais fervor, com maior calma,
No applauso ao Regio Monumêto novo,
Deste Corpo fiel mostra ser alma :

Quem , vencendo qualquer custoso estorvo,
A todos por seu zelo leva a palma ,
He o digno , e incansavel Juiz do Povo.

EPIGRAMMA

Para recitar o primeiro Deputado.

VE, Minerva, d'hum jaçtò só fundida
Com tanta perfeição a Estatua rara,
Que pezarosa de faltar-lhe a vida,
Diligente a animalla se prepara:
O ethereo fogo já c'o a mão erguida
Hia a infundir-lhe; mas suspenfa pára,
Por não querer ficasse desta sorte
Huma obra immortal sujeita á morte.

Ao Muito Honrado Juiz do Povo.

D E C I M A

Para recitar o segundo Deputado.

MOstras, quando tanto augmentas
Do Augusto REY o festejo,
Em ti cifrado o desejo
Do Povo, que representas.
Todos os meios inventas
De lhe applaudir a Memoria,
Chegando por sua Gloria
Táo zeloso até empenhar,
Que he justo tenhas lugar
Tambem na futura Historia.

S O N E T O

Para recitar o terceiro Deputado.

COm estrella feliz, faustos auspicios
A Estatua se levante ao REY Clemente,
Por quem ergue Lisboa a altiva frente
Ornada de soberbos edificios.

São tenues os votivos sacrificios,
Que grata lhe tributa a Lusa Gente;
Mas quaes serão, por mais, e mais q̃ invente,
Dignos de compensar seus beneficios?

Fiando pouco da inconstante Historia,
Porque vença dos Tempos o destroço,
Lhe esculpimos em bronze a Memoria;

Mas ainda erigindo este Colosso,
Se tem nisso a Nação a maior gloria,
O mesmo obsequio he só proveito nosso.

O I T A V A

Para recitar o quarto Deputado.

FOgem hoje das férvidas idéas
As elevadas frases da Eloquencia ;
Que quãdo estam de goſto as almas cheas,
E ſentem do prazer a vehemencia ,
Correndo o quente ſangue pelas veas ,
Inunda o coração com tal violencia ,
Que apenas clamar póde a voz festiva :
Viva JOSÉ Augusto , viva , viva.

D E C I M A

Para recitar o quinto Deputado.

DE JOSÉ a Magestade
Do metal mostre a belleza,
Assim como na firmeza
Mostra a nossa lealdade:
Sómente á Posteridade
Sirvam do bronze as lições,
Que a agradecer-lhe as acções,
Com que faz nossas venturas,
Mal exprimem pedras duras
O que sentem coraçãoes.

S O N E T O

Para recitar o sexto Deputado.

INda mais Portugal hoje te abonas,
Que quando as tuas horridas phalanges,
Voltando o fio aos barbaros alfanges,
Obráram as acções, de que blazonas:

Ou já provádo ao Múdo haver mais Zonas,
Cheio do invicto ardor, q̃ mal constanges,
Colheste as palmas no sagrado Ganges,
Ou viste a larga foz das Amazonas.

Então punhas em duro captiveiro
A rude tropa de salvagens vagos,
Ou talavas feroz hum Reino inteiro;

Hoje trocando as furias em affagos,
Grato ao q̃ debes a JOSÉ PRIMEIRO,
Fabricas Monumentos, não estragos.

S O N E T O

Para recitar o setimo Deputado.

EM quanto a tibia luz escassa torna
Os nervosos Cyclopes amarells,
Que os golpes alternando dos martellos,
Fazem gemer a rígida bigorna :

Vulcano , na Officina vasta , e morna ,
Empenha diligente os seus disvelos ,
Por preparar ao Sol os raios belos ,
De que hoje o Coche Magestoso adorna.

Dia feliz , tu viste o Nascimento
Do amado REY em tudo sem segundo ,
Que he da Patria as delicias, e ornamento.

Dia feliz , sempre em prazer fecundo ,
Tu vês erguer-lhe agora o Monumento ,
Que ha de durar quanto durar o Mundo.

S O N E T O

Para repetir o oitavo Deputado.

ENtrava afflicta nos Celestes Paços
A Magnanima sombra envolta em lutos,
Do REY, cujo valor deixou por frutos
Na Maura Terra a Patria em duros laços.

Affonso a chama, e nos invictos braços
Do seu paterno amor, dando tributos,
Lhe beija as faces, e olhos mal enxutos,
Confolando-a dos fados seus escassos.

Por preparar (lhe diz) á Lusa Gente
A Idade de ouro, o q̃ os Destinos regra,
Quer q̃ este, e mais defastres exprimente;

E correndo huma nuvem densa, e negra,
JOSÉ lhe mostra, e a Portugal contente;
E a sombra, rindo, do seu mal se alegra.

S O N E T O

Para repetir o nono Deputado.

NO fundido metal, nos jaspes duros,
Gravados assim como em nossos peitos,
Possam do REY benigno os nobres feitos
Dos estragos do Tempo estar seguros.

Tributarão os seculos futuros,
Como nós, ao seu Nome iguaes respeito,
Em quanto o Téjo nos dourados leitos
Retratar de Lisboa os altos muros.

E se a intensão sincera dos affectos,
Nascidos da geral prosperidade,
Não faz os nossos votos indiscretos,

Extenda o Ceo tão longe a sua idade,
Que só os corações dos tardos netos
Venham della a sentir a faudade.

S O N E T O

Para repetir o decimo Deputado.

E Strangerio, que o marmore examinas,
E aos pés do Regio Monumêto Augusto
Pasmado vês o respeitavel Busto,
Em que descançam as sagradas Quinas,

He este o Heroe, que de prizões indinas
Livrou a Patria, e que constante, e justo,
Por ella, e por seu REY verá sem susto
Cahir do Mundo as ultimas ruinas.

Á sombra deste Bemfeitor CARVALHO,
Os louros da Sciencia, e da victoria
Crescem nutridos de abundante orvalho;

Convinha pois do REY á alta Memoria,
Que com quem repartia o seu trabalho,
Repartisse tambem a sua Gloria.

O I T A V A

Para repetir o undecimo Deputado.

HOje o Busto do Heroe, q̃ o Mundo estima,
 Só por mostrar seu grato rendimento
 Junto ao REY, que elle adora, a Arte aníma,
 Ninguem julgue da Patria ser o intento
 Fazer que a Imagem sua o bronze exprima,
 Por livrallo do negro esquecimento ;
 Porq̃ o metal, que o tempo em fim consome,
 Não dura mais , que ha de durar seu Nome.

Ao Illustrissimo , e Excellentissimo
CONDÊ DE OEYRAS.

S O N E T O

Para recitar o duodecimo Deputado.

O Chefe Excelso, generoso, e ferio,
Com que o Patrio Senado se acredita,
Dos seus maiores todo o zelo imita,
Que os faz famosos n'um, e outro hemisferio.

Do Grande Pai o Sabio Ministerio
Os Lusitanos Póvos felicita;
Fez remontar do Avô a mão invicta
As frouxas Aguias do opprimido Imperio.

Illustre Henrique, hoje ão REY Clemente
Dás do teu puro amor firmes abonos,
Delles te mostras digno Descendente:

Fieis das terras aos Augustos Donos,
Nascestes só, e a tua Heroica Gente,
Para honrar as Nações, dar gloria aos Tronos:

O I-

O I T A V A

Para recitar o decimoterceiro Deputado.

DA justa gratidão por melhor fruto
Acceite o Augusto REY nosso desejo
Da antiga lealdade hoje em tributo:
Que supposto he agora este festejo
Ao muito que devemos diminuto,
O Mundo sabe, sabe o Patrio Téjo,
Que não dá do seu zelo exemplo novo
Dos Vinte-Quatro a Casa, e Juiz do Povo.

O I T A V A

Para recitar o decimoquarto Deputado.

BAtendo as azas a ligeira Fama ,
As trombetas empunha , e fende os ares ,
E em toda a esfera aqui , e alli derrama
Do grande REY os feitos singulares :
Ao que ella do alto por cem bocas clama,
Responde a terra, e os subjacentes mares,
Repetindo com voz alternativa :
Viva JOSÉ Augusto , viva , viva.

DECIMA

Para recitar o decimoquinto Deputado.

AO Sabio, e Justo REY, que ama,
(Sem ter de ingrata o desdouro)
Na frente o fagrado louro
A Patria festiva enrama:
Se os incensos não inflama
Pela sua idade, e augmento,
He que com mais fundamento
Crê fazer os Ceos propicios
A voz dos seus beneficios,
Que o fumo, que espalha o vento.

D E C I M A

Para repetir o decimosexto Deputado.

HOje alegre Portugal,
Conduz da Memoria ao Templo
O seu REY dos Reys exemplo,
Que o Mundo não tem igual:
Esse fundido metal,
Dos tempos a furia rude
Vença, porque nelle estude
A tarda Posteridade,
Que a bella Immortalidade
He o premio da Virtude.

Ao Illustrissimo, e Excellentissimo Senado.

S O N E T O

Para recitar o decimosetimo Deputado.

Não porque aos muros de Lisboa affoma
Exercito guerreiro em sangue tinto,
Que contra a Patria de ambição faminto,
Nas sacrilegas mãos as armas toma.

Não porque a Iberia, e a feroz Gallia doma,
Ou chora a forte de Pompeo extinto,
Merece obsequio, e nome mais distinto,
Quaes ao seu Oppressor tributou Roma;

Mas porque ao Povo, de que he tanto amado,
Do seu justo Governo enchendo a méta,
Faz feliz, abundante, e respeitado:

Por isso agora com razão discreta
Ao PAIDA PATRIA o amplissimo Senado
A Estatua, e as honras immortaes decreta.

O I-

(70)

O I T A V A

Para recitar o decimooitavo Deputado.

CElébre a Europa o Regio Monumento
De JOSÉ, erigido ás acções dinas ;
Voe o nosso geral contentamento
Aos incultos Certões das aureas Minas ,
E do rude Africano macillento ,
Passando aos Indos, e aos remotos Chinas,
Ouvir se faça em melodia altiva :
Viva JOSÉ Augusto , viva , viva.

DE-

D E C I M A

Para recitar o decimonono Deputado.

GRande REY, por ti já torna
Sobre a Terra a sábia Astréa ;
Por ti pródiga Amalthéa,
Pelo Reino a Cópia entorna :
O Téjo Ceres adorna ,
De parras se croa o Douro ;
E quando dás hum thesouro
Em tantos bens, que gozamos,
Só em bronze te pagamos
A mais bella idade de ouro.

Ao Muito Honrado Juiz do Povo.

DECIMA

Para recitar o vigesimo Deputado.

Tão fervoroso te empenhas
Neste applauso Regio, e novo,
Que de Honrado Juiz do Povo,
Bem o lugar desempenhas:
He forçoso que hoje tenhas
A maior satisfação,
Vendo a esta nobre acção
Tão condigno o teu festejo,
Que enches o gosto, e o desejo
De toda a Patria, e Nação.

EPIGRAMMA

Para recitar o vigesimoprimeiro Deputado.

DO REY hoje á Clemencia ,
Quando o Povo fiel rende as primicias ,
Imitando dos Ceos a Providencia ,
Duplica o Nascimento ;
Que se hum de Portugal fez as delicias ,
Sirva o outro aos vindouros de ornamento .

Ao Muito Honrado Juiz do Povo.

EPIGRAMMA

Para recitar o vigesimosegundo Deputado.

Julgando limitado
Em applauso do REY qualquer disvelo ,
Quando todo inflammado
Na sua Gloria, fallas com tal zelo ,
Es por hum modo novo
Digno Juiz, e Interprete do Povo.

(75)

NA FELICISSIMA
INAUGURAÇÃO
DA ESTATUA EQUESTRE
DE ELREY NOSSO SENHOR
DOM JOSÉ I.

&c. &c. &c.

E U R O P A.

O D E

REY digno de ser REY, quando a Fortuna
Sceptro de Reys, e herança te negasse;
Dado do Cco aos Lusos por Columna,
Que o seu amado Imperio sustentasse.

REY exemplo de Reys, que brandamente
Em paz tranquilla os Póvos governando,
Te fazes invejar de estranha gente,
Que a Sorte fujeitou a alheio mando.

Do teu disvelo acceita o doce fruto,
Que te offerece a verdadeira Gloria:
Recebe, ó Grande REY, este tributo
Devido á tua singular Memoria.

Admira-te EUROPA, e te respeita,
E aos outros Reys te mostra, qual modêlo,
Que a tua Monarquia assim perfeita
He obra do incanfavel teu disvelo.

Gallia, para os seus Póvos ver felizes
Gastáram no trabalho hum seculo inteiro
Os Henriques Augustos, e os Luizes:
Bastou a Portugal JOSÉ PRIMEIRO.

Vejam industriosos Insulanos
Quem a seu intereffe põe baliza:
Minerva educa os habéis Lusitanos,
Favor estranho Lisboa não precisa.

Républica maior, que a de Carthago,
Que o Mar destruidor por arte guarda,
Do teu Commercio tens vizinho estrago
Luso Commercio em te vencer não tarda.

Canta Roma sagrada o Grande Filho
Da Igreja, Defensor tenaz, e justo,
A quem com mais razão me prostro, e humilho,
Do que o fizera a Cesar, Tito, e Augusto.

Tu, guerreiro Pruffiano,
Vê a acerba, engenhosa disciplina,
Que ao robusto mancebo Lusitano
Na focegada paz JOSÉ ensina.

Porém não vai, ó Reys, não vai turbar-vos
Na vossa paz o fatisfeito Luso ;
Estuda a defender-se, e auxiliar-vos ;
Da generosa gente he este o uso.

Alli não vejo as guerras intestinas,
Que as entranhas dos Reinos dilaceram :
Lisboa, o que tiveste de ruínas,
Foram os elementos, que as fizeram.

Mas prompta a Mão Augusta, se disvela
Para te erguer ; Mão poderosa, e forte :
O Téjo páfma, vendo-te tão bella ;
Agora es de hum tal REY mais digna Corte.

Mostra o teu Bemfeitor ao Téjo, aos Mares,
E aponta a mão, donde hum tal bem te veio :
Por gratidão he justo conservares
A sua Imagem no formoso seio.

Honrado Povo, em quem já mais se apaga
Da verdadeira fé o vivo lume,
Com quem o amor dos Reys nunca se estraga,
Fiel por lei, por genio, e por costume :

Segui o exemplo do melhor Vaffallo,
Que deo ao melhor REY o Ceo benigno.
CARVALHO Illustre, o nome teu não calo,
Que não quero roubar-te hum leuvar digno.

Em

Em ti o REY confia, o REY descança
Do pezo do Governo duro, e grave;
É a teu zelo, por justa confiança,
Dos segredos do Throno entrega a chave.

O teu amor, a tua lealdade
Deve fervir de exemplo ao Mundo todo;
Do Monarca o Favor, Graça, Amizade,
Só assim se consegue: he este o modo.

Amai, ó Povo, o REY, que assim vos ama,
Unindo amor paterno ao Regio Officio;
Se eterno beneficio em vós derrama,
Dure a memoria, quanto o beneficio.

(79)

CONVOCA
A EUROPA
OS GENIOS FESTIVOS DO PAIZ,
E AS DEIDADES MARITIMAS
PARA VIREM APPLAUDIR
O FELICISSIMO DIA,
EM QUE SE COLLOCA
A MEMORIA
DO MUITO ALTO,
E MUITO PODEROSO REY,
E SENHOR NOSSO
DOM JOSÉ I.

TAjedes lindas, que pizais do Téjo
As douradas arêas,
E dançais, das manhans no fresco ensejo
Altíffimas corêas:
Esmaltai as finíffimas grinaldas
De perolas fulgentes, de esmeraldas.
Vinde, Nynfas gentis, Naides bellas,
Deixai as claras fontes,
Cingidas de odoríferas capellas
As engraçadas frontes:
Vinde applaudir o mais formoso Dia,
Que vio nunca de Luso a Monarquia.

Al-

Alvas Nereidas, lá do Mar profundo
 De aljofar cópia immensa,
 E os ramos do coral mais rubicundo,
 Apanhai sem detença,
 Seja do vosso amor mimoso fruto
 Trazer ao Grande REY este tributo.

Harmonicas Serêas, que aos Amores
 Sobre os Delfins sentadas
 Cantais ao som das ondas seus louvores,
 Das ondas empoladas,
 Vinde do Inviçto Heroe cantar a gloria,
 Que hoje eterna se erige na Memoria.

Tinheis acaço tão altas maravilhas,
 Quando outro Heroe cantastes,
 Por quem de troncos, de pintadas quilhas,
 Em Nynfas vos mudastes?
 Mais egregio vos presento,
 Mais digno de cantar, maior portento.

Eu sou EUROPA, que applaudir-lhe venho
 Seu Nome, e sua Gloria,
 A que seja immortal, hoje me empenho,
 Esquecida a memoria
 Pelo Inclyto REY dos Lusitanos
 Desses famosos Gregos, e Romanos.

O meu culto paiz, onde Minerva
 Os thesouros reparte,
 Aonde a escola Militar conserva
 Intacta o fero Marte,
 Ao Grande JOSÉ mil dons offerece,
 Que nas Armas, e Letras resplandece.

Tu,

Tu, Apollo, de mais frondosa rama
No Menalo cortada,
Coroa o Grande REY, seu Nome acclama,
Por ti seja cantada
Na refulgente cithara sonora
A gloria d' hum Varão, que o Mundo adora.
Do meu brilhante carro á terra desçam,
Em alternadas danças,
Os Genios do Paiz, mil voltas teçam
De lindas contradanças:
Veja-se o gosto, note-se a alegria,
Que nos influe tão plausivel Dia.
Ditoso Portugal, ditosa Gente,
Que hum Seculo donrado
Tornou ao vosso Reino decadente;
Tudo mudou d' estado,
As Artes do defeuido enfraquecidas
São do Grande Monarca protegidas.
Vinde render gostosa vassallagem
Vós, ó nobres Sciencias,
Do Magnanimo REY na sua Imagem
Colhei as influencias,
A luz do seu Retrato vos convida,
Do fabio Original reproduzida.
Retribuí-lhe aquelle amor intenso,
Que nelle sempre existe,
Queimando de Pancaia o fino incenso,
Em vasos de Amatiste,
Só deste sacrificio, he que presumo,
Lhe seja grato tão cheiroso fumo.

Vós, ó Artes Civis, que venturofas
 Com tão sublime amparo,
 Já mostrais, pelas obras primorosas,
 Hum artifício raro,
 Acclamai do Monarca os beneficios,
 Que vos honra, e premea nos officios.
 Largai o curvo arado, ó Lavradores,
 E adornados de festa,
 Vinde offerecer do campo as bellas flores
 Na enramada cêsta:
 Prostrai-vos ao Soberano, que vos rege,
 Que a mesma Agricultura vos protege.
 Se me fora possível neste Dia,
 Rendida lhe offertára
 Tudo que o Potosì nas vêas cria,
 Aos pés Reacs levára,
 Quanto ánima Amalthea, e Flora impéra,
 Quanto Tyro produz, quanto Ofir gera.
 Fazei todos devido acatamento,
 Quanto o respeito influe,
 Aquelle, que a poder do nobre alento,
 Vos ama, e vos instrue
 Aquelle PAI DA PATRIA, a cujo vulto
 Sempre a Fama consagra honroso culto.
 Elle do Lusó Imperio firme A TELANTE
 O pezo lhe sustenta,
 Seu veneravel plácido semblante,
 O mal vos affugenta;
 E qual Planeta na luzida Esfera,
 Nelle a Luz do Monarca reverbera.

No soberbo trofeo, que lhe edifica,
 Se vê ditosamente,
 Que todo o seu amor lhe verifica
 Este culto eminente;
 Mostra ao Mundo na Regia Architectura,
 Que excede ao de Corinto na estrutura.
 Alli fez praticar primor tão raro,
 Que faz o nobre invento
 A Fidas pasmo, e suspensão a Paro:
 He unico portento,
 Em que a gloria do REY se immortaliza,
 E deste Heroe o Nome se eterniza.
 Acclamai do Monarca incomparavel,
 Escolha tão prudente,
 Que vos deo no Senado respeitavel
 Tão douto PRESIDENTE,
 A quem o Sabio Pai pela Doutrina
 Famosissimo Nome lhe destina.
 Aquelle amavel, adorado CONDE,
 Que nas acções egregias
 Tanto á vossa esperança corresponde,
 Agora nas mais Regias,
 Nas mais notaveis provas d'alegria,
 Augmenta o esplendor da Monarquia.
 Aos Nobres, e dignos Senadores,
 Que Themis tanto préza,
 Tributai mil obsequios, mil louvores;
 Tal pompa, tal grandeza,
 Applausos tão distinctos, tão notaveis
 Os deixarão nos fastos perduraveis.

O Magnifico Juiz do fiel Povo
Seja por vós louvado ;
Pois neste culto generoso , e novo
Se tem tanto empenhado ,
Que o amor da Nação , em que se inflama
Lhe dará nome no clarim da Fama.
Levai , Povo feliz , ramos frondentes ,
Do viçoso CARVALHO :
Cingi das folhas por triumpho as frentes ,
A Aurora o fresco orvalho
Sobre ellas lançou ; mas de tal fórma ,
Que em perolas vereis que se transforma.
Dançai , Tajedes , Naides , Napeas ,
Com acorde harmonia :
Cantai , Driades , Nynfas , e Serêas ,
Com doce melodia
Repita a voz do gosto verdadeiro :
Que viva o Inviçto REY JOSÉ PRIMEIRO.

(85)

NA FELICISSIMA
I N A U G U R A Ç Ã O
DA ESTATUA EQUESTRE
DE ELREY NOSSO SENHOR
DOM JOSÉ I.

&c. &c. &c.

A S I A.

O D E.

J Untem-se os votos da Ásia aos votos puros
Do Povo Lusitano.
Dos seculos futuros
Hum anno, e outro anno,
Até o derradeiro,
Hòhre a memoria de JOSÉ PRIMEIRO.
Téjo feliz, se o teu terreno abunda;
Se eu te dou vassallagem,
E America fecunda,
E Africa selvagem,
Tudo a JOSÉ se deve,
Tua fatal ruina elle fusteve.

Com

Com que mágoa te ouvi, inda me lembro,
 O teu horrivel pranto
 No terrivel Novembro!
 Quem esperava tanto?
 A Cidade perdida
 Surge muito mais bella, e mais luzida.
 A Poderosa Mão, que assim a adorna,
 Tambem a mim se estende:
 Já sobre Asia entorna
 Próvida graça: attende
 Meu proximo perigo,
 Vai a elevar-me ao esplendor antigo.
 Não do furor, mas da clemencia a arte
 Lhe segura a victoria
 Do Mundo em toda a parte;
 Terei por minha gloria
 O seu jugo suave,
 Em quanto o Indo o meu terreno lave.
 Não quer que com exemplo de Albuquerque,
 Sobre rios de sangue
 O seu poder se alterque:
 Evita o ver-me exangue.
 Ministro do seu zelo,
 Tu vences co' a brandura, Illustre Mello.
 Terriveis Socios, pranteai a empreza,
 Que deo a Mundo assombros,
 Em quanto alta riqueza
 Ponho do Téjo aos hombros,
 Sem que ninguem impeça
 Que eu ao Grande JOSÉ meus dons offreça.

Brilhantes pedras, perolas lustrôfas,
Que o meu terreno cria,
As plantas virtuôfas,
A quente especiaria,
Para quem as guardára?
A quem mais dignamente as offertára?

Fragrante aroma, em nuvens mande aos ares
Vivo agradecimento:
Tenha JOSÉ mais votos, mais altares:
Portuguezes, he pouco hum Monumento.
Por mil bocas, e mil repita a fama
Quanto o seu Povo, o fiel Povo, o ama.

(88)

VE M A A S I A
OFFERECER OS SEUS DONS
AO MUITO ALTO,
E
PODEROSO REY,
E SENHOR NOSSO
DOM JOSÉ I.
NO FELIZ DIA DA SUA FAMOSA
INAUGURAÇÃO.

O D E.

P Or applaudir hum dia tão brilhante
Da Memoria feliz, que hoje se erige,
Oh Alto, e Grande REY dos Lusitanos
Com tão vistoso culto;

De tão distantes, tão remotas terras,
Lí onde nasce o Luminoso Febo
Da branca Aurora nos mimosos braços,
Venho, MONARCA Augusto.

Vós,

Vós, que fois acclamado em todo o Orbe,
Prudente, Sabio, Valeroso, Inviçto,
He justo que da Asia vos offereça
Riquissimos tributos.

Tendes no patrio Téjo arêas d'ouro,
Este metal a America tributa,
O candido marfim da adusta Zona
Africa vos offerta.

Eu, que nos meus confins sou bem ditosa,
Das ricas producções da Natureza,
Quizera conduzir-vos reverente
Todo o meu vasto Imperio.

As riquissimas perolas do Ganges,
E do Indo os rubins famigerados,
O mimoso aroma, que na Arabia secca,
Se cria, e se congela.

Daquelle mar, que mostra a côr do fundo,
Já de immensas Esquadras sepultura,
O vistoso coral, que verde cresce,
E a luz do dia o córa.

A brilhante porção, Luzida maça,
Que a terra nas entranhas petrefica,
Aquelle brando orvalho, que sustento,
Já foi de grandes póvos.

Do Cinnamomo as lagrimas cheirofas,
E de Ceilão os agradaveis troncos,
Cuja fragrancia serve de alimento
Aos seus Agricultores.

Mais que tudo, ó MONARCA incomparavel,
Eu vos offereço em tão formoso dia,
Por credito da fé, que vos consagro,
O collo ao feliz jugo.

Ao grande MARQUEZ, ao Grande Heroe,
Cujó nome eterniza a longa Hiltoria,
Desta Inauguração sabio instrumento,
Amante o reconheço.

O seu Retrato levarei nos braços,
Para que as gentes saudosas vejam
He aquelle o objecto tão famoso,
Que lá por fé se adora.

Ao Filho Illustre deste Pai notavel
O Magnífico CONDE, as suas prendas,
Qualidades, e nobres attributos
Rendida lhe respeito.

Aos Sabios, ditosos Senadores,
Filhos prezados da formosa Astrea,
Reverente me inclino, estes effeitos
Do seu amor acclamo.

Repetirei o nome com vangloria
Do honrado, e fiel Juiz do Povo,
Que estes obsequios do MONARCA Augusto
Lhe devem tanto affecto.

Acclamai todos com plausivel gofio,
Asiaticos Genios, Paraninfos,
Os vivas do Famofo, e sempre Augusto
DOM JOSÉ o PRIMEIRO.

VEM AFRICA
APPLAUDIR O FELICISSIMO DIA
DA FAMOSA
INAUGURAÇÃO
DA ESTATUA EQUESTRE
DE ELREY NOSSO SENHOR
DOM JOSÉ I.

S O N E T O.

Venho, Inviçto REY, venho attrahida
Do vosso Nome, que no Mundo impéra,
Da terra, que do Sol na ardente esféra
He dos raios intenos combatida.

Terra, em que aos habitantes intimída
Bramido horrendo da medonha fêra,
Offrecer-vos com fé pura, e sincera
Tudo quanto Africano se appellida.

Hoje o vosso Oriente portentoso,
Que se adora, e se erige na Memoria,
Nos fará este dia o mais precioso.

Epoca feliz, brilhante Historia
Do Heroe Lusitano o mais famoso,
Do mais Soberano REY a maior gloria.

NA

(93)

NA FELICÍSSIMA
I N A U G U R A Ç Ã O
D A
ESTATUA EQUESTRE
DE ELREY NOSSO SENHOR
DOM JOSÉ I.

A F R I C A.

O D E.

REino adquirido co' o valor do braço
De valentes Heroes, que eu não nomeio,
Que não cabendo neste curto espaço,
Do Mar rasgando o feio,
Ao meu Paiz adusto
Foram levar da Lísia o Nome Augusto.
Aqui me tens para os louvores prompta,
Do teu Grande JOSÉ, que affás mercede;
Pois que a apagar dos Filhos meus a affronta
Quiz o Ceo que nascesse:
Só este beneficio
He digno d'hum eterno sacrificio.

Os

Os outros Reis, e os vãos Conquistadores,
 Que me roubam, violentam, dilacéram,
 Ouçam agora altíffimos louvores,
 Q'elles não merecêram;
 E os meus Filhos contentes,
 Honrem quem soube honrar d'Africa as gentes:

Remotos mares, praias mais remotas
 Solícito commercio gire, e traga
 Co' as minhas producções gravidas frotas:
 Inda assim lhe não paga
 Todo o seguro abono,
 Que recebeo do seu Augusto Throno.

Como, avistando o avido milhafre,
 Tremem, e fogem fracos passarinhos,
 Fugia, e já não foge, o simples Cafre
 Dos aligeros pinhos,
 Vê-os, e se conforta;
 Espera o bem, que a veloz Náo transporta.

JOSÉ, Grande JOSÉ, tua brandura
 Faz mais prompta, mais facil a victória,
 Que a mortifera arte, acerba e dura
 Q' faz d'outros a gloria:
 A Paz, que he do Ceo filha,
 Gostosa hoje, a teus pés Africa humilha.

Todo o Zaire soberbo a ti se prostra,
 E os metaes uteis, que no seio encobre,
 Porque te sirvam, voluntario os mostra,
 O duro ferro, e o cobre:
 E Benguela submissa
 Canta o favor da próvida Justiça.

Lisboa, por louvor bem proprio e dino,
 Titulo novo em honra tua tome,
 Qual do Religioso Constantino
 Tomou Byzancio o nome;
 Q' eu fei que a fórma sua
 Não he de Ulysses já, he toda tua.
 Perante a Augusta IMAGEM de joelhos
 Vou com ella adorar-tê, e então me espanta
 O Venerando Heroe, cujos conselhos
 A loquaz Deosa canta:
 Elle interpréte as vozes,
 Que o seu cuidado fez menos ferozes.
 Talvez que dos meus dons, te não contentes;
 Manchadas pelles de manchados brutos,
 De Elefantes disformes grossos dentes
 São dons mui diminutos:
 Outros te offreço muito mais humanos,
 Aceita o coração dos Africanos.

(96)

NA FELICÍSSIMA
INAUGURAÇÃO
DA
ESTATUA EQUESTRE
DE ELREY NOSSO SENHOR
DOM JOSÉ I.

A M E R I C A .

O D E .

POvo da Liza, a America não soffre
Ser testemunha inutil, e ociosa;
 Meu aurifero cofre
Eu vos offreço alegre, e generosa;
 Embora seja exhausto,
Sirva á devida pompa, sirva ao fausto.
Não, não fizeram tanto os Soberanos,
A quem Estatuas deram tantas vezes
 Os Gregos, e os Romanos,
Quanto JOSÉ tem feito aos Portuguezes:
 Crédula a Antiguidade
Talvez o adoraria Divindade.

Por

Por Elle he que Lisboa se levanta,
 D'entre as ruinas muito mais formosa:
 Por elle alegre canta
 No Mondego a Sciencia gloriosa:
 Por elle as uteis Artes
 Vam instruir do Mundo as quatro partes.
 Em honra de JOSÉ, REY Sabio, e Justo,
 Abri meu cofre, affortunadas gentes:
 Tirai, tirai sem susto
 O precioso metal, pedras luzentes;
 He vosso o meu thesouro,
 Formai-lhe a Estatua, não de bronze, d'ouro.
 Vindouras gerações vejam gostosas,
 Qual REY me tem polido, e tem honrado,
 Dando-me as proveitosas
 Leis do Commercio, que sustêm o Estado,
 Por cuja providencia
 A sujeição foi gosto, e não violencia.
 Qual de medonha serpe os duros dentes
 Em armados Guerreiros se tornáram:
 Assim polidas gentes
 Espessas broncas arvores brotáram,
 Das feras a morada
 He dos novos vassallos povoada.
 Dos ramosos Coqueiros, e Pindobas
 Fracas choupanas não estão pendentes;
 Os Caciques, os Sóbas
 Tomam Costume, e Leis das Lusas gentes;
 Em civil sociedade
 Forma-se a Villa, forma-se a Cidade.

Settas, arcos, mortiferas zagaias
Do Americano os hombros não carregam :
São outras as alfaias,
Com que servindo ao Grande REY se empregam ;
E a adestrada Tropa
Já não inveja a disciplina á Europa.
Quanto trabalho custa reduziillos
A julgarem-se iguaes aos mais humanos !
Quanto custa instruiillos
Da Fé nos mais reconditos arcanos !
Dar-lhes c'o a liberdade
Toda a sua maior felicidade !
Mas não trabalha só o nosso AUGUSTO ;
Ao grave pezo o ajuda o bom Meccenas,
Que em energico Busto
Alli se observa : cantem-no as Camenas,
Participe CARVALHO
Assim da gloria, como do trabalho.

Povo da Lisia, a AMERICA pertende
Ter como no favor, no louvor parte :
Bem como a falladora Ave, que aprende
A humana voz a imitar com arte :
Ensina-me, q' eu quero em doce canto
Louvar o REY, a quem devemos tanto.

V E M A A M E R I C A
A P P L A U D I R O F E L I Z D I A
D A F A M O S A I N A U G U R A Ç Ã O
D A E S T A T U A E Q U E S T R E
D E E L R E Y N O S S O S E N H O R
D O M J O S É I .

O D E .

Soberano REY, a quem o novo Mundo
Com amor vos adora o mais profundo,
Hoje, que a Magestade
Na vossa excelsa Gloria resplandece,
Por gosto, e por vontade
Tudo vos obedece,
E eu por satisfação do meu desejo,
Humilde aos Reaes Pés me prostro, e bejo.

Do paiz dos antigos ignorado,
E hoje dos Europeos tão estimado,
Porque nas veias gera
Cópia infinita dos metaes brilhantes,
A fé pura, e sincera
De immensos Habitantes,
A gostosa cerviz vos sacrifico,
E todos neste Culto vos dedico.

Vós fôis, Inviçto **HEROE**, **MONARCA** Augusto,
Hum **REY** amado por Benigno, e Juſto,
Todo o vaſto Hemisferio
De hum Pólo a outro Pólo vos adora,
Voffo ditôſo Imperio
De fórma ſe melhora,
Que a doçura de tão feliz governo
Vós fará, Grande **REY**, o Nome eterno.

Da voffa Gloria no famoſo dia
Tudo respira amor, tudo alegria,
Tudo na terra exulta,
A denigrada horrida triſteza
O torpe influxo occulta,
Lá confome a fereza
Deixando, que exercite em liberdade
O goſto, o ſeu dominio na vontade.

Lá do clima, que nas montanhas cria
A rica pedra de maior valia,
A tributar-vos venho
Neſte dia feliz, e venturoſo,
Quanto poſſuo, e tenho.
Oh **MONARCA** Famoſo,
Aceitai eſta offerta reverente,
Pois dominais a Americana gente.

As moſtras de alegria, que hoje oſtenta
O Luſitano Povo, a gloria augmenta,
He certo que vos ama,

Pois

Pois neste grande obsequio, que contemplo,
 Vossas acções acclama,
 Dando ao Mundo exemplo,
 De que hum REY com taes cultos exaltado,
 He dos Vassallos ternamente amado.

O Inclyto MARQUEZ, que nos seus Hombros
 Sustenta o Reino entre mil affombros,
 Heroe deste festejo,
 Que tanto amor, e fé nos certifica,
 Tambem a mão lhe bejo;
 Nelle se verifica,
 E por estes applausos se descobre,
 Quanto póde o amor n' hum peito nobre.

O Illustrissimo CONDE Presidente,
 Que segue o amor do Pai tão fielmente,
 Será tão acclamado,
 Como merece Culto tão notavel:
 O Supremo Senado,
 Tão sábio, e respeitado,
 Mil obsequios amante lhe renovo,
 E ao generoso, e fiel Juiz do Povo.

NA FELICISSIMA
INAUGURAÇÃO
DA ESTATUA EQUESTRE
DE ELREY NOSSO SENHOR
DOM JOSÉ I.

DO POVO A ELREY.

O D E.

DO mais alto lugar, onde a Virtude
Hoje te eleva além da Magestade,
Ouve, em estylo rude,
Por voz da lealdade,
Desufados louvores,
Que não tiveram teus Predecessores.
Revolve o Mundo todo
Os Factos dos antigos Soberanos,
Quaes foram, porque modo
Gregos, Assyrios, Persas, e Romanos:
Tempos de horror, e susto!
Não he assim o de JOSÉ Augusto.

Por

Por Mares não trilhados
Domar estranha gente, em terra estranha;
Ter escravos forçados
Pelo medo, não he gloria tamanha,
Como he em paz segura
Fazer dos teus Vassallos a ventura.
O Povo, que ganhava,
Mais do que hum nome vão, humã vã gloria?
E era o preço, que dava
Por humã esteril, horridã memoria,
Lagrimas amargosas
De pais, de irmãos, de filhos, e de esposas.
Em quanto estranha gente
Vinha tirar de nós nossa riqueza,
Por esses dons sómente,
Que não nega á cultura a Natureza.
Co' o fumo de acções nobres
Não nos viamos nós, míseros, pobres.
O ouro das nossas Minas
Por nossas mãos passava ás mãos alheias:
Eram nossas Campinas
Em vês de trigo, só de abrolhos cheias:
Sem util exercicio
Crescia em nós com a pobreza o vicio.
Quando a mortal doença
Sobre teu Pai os golpes repetia,
E que á tua presença
O nosso pranto, a nossa dor subia,
Já então te ensaiavas,
E fazer-nos ditosos procuravas.

Escolhes quem te ajude
Para a sublime, gloriosa empreza;
Varão de sã virtude,
D' alma, que só te cede na grandeza,
Por quem Luiz Famoso,
Inda tendo a Colbert, fora invejoso.
O plano se defenha;
Principia-se assim difficil obra.
Augusto REY se empenha,
A quem perigo, e susto não soçobra:
He o Illustre CARVALHO
O digno Executor de hum tal trabalho.
O seu raro talento
Já Londres admirou, vio Alemanha;
O seu merecimento
O Mundo já conhece, e não o estranha.
Musas, vós o educastes,
Para tanto he que vós o preparastes.
Povo, felice Povo,
Começa nosso bem, nossa ventura:
Novas Leis de REY novo
Sabio Ministro pródigo as segura.
Vós, Regiões adultas,
Voai a receber as Leis mais justas:
Não he a violencia,
He a razão quem marcha a sujeitar-vos;
E por conveniencia
Vinde a seus Reaes pés, vinde prostrar-vos:
Chegai, e vós vereis
Hum Pai, que nos nasceo dos nossos REYS.

Gemes com o tributo,
AMERICA? O teu REY o faz mais leve.
 Ó ASIA, eu bem te escuto,
Já vais cobrar o que perdido esteve.
 AFRICA está contente;
Honra-fe, como a mais, a adulta gente.
 Concidadãos, Patricios,
Lançai a vista a huma, e outra parte,
 Vede uteis exercicios,
A que convida a apurada Arte.
 Já o experto Negocio
Affugentou o mole, o indigno ocio.
 Margens do largo Tejo,
Sobre quem Ceres os seus dons entorna;
 As grossas Náos en vejo,
Em que o Commercio vai contente, e torna.
 Mão habil, e mão prompta
Fórma a invenção, que o Vento, e o Mar affronta.
 O martello pezado,
O ardente metal duro bate, e abranda.
 E o ferro amolado
Sobre os madeiros, sobre as pedras anda.
 A força, a habilidade
Trabalha, e fórma assim gentil Cidade.
 O Montanhez agreste
Traz a lã, que tirou ao seu rebanho;
 He ella quem nos veste,
Sem que a prepare algum Artista estranho.
 O insecto industrioso
Para o fausto nos dá fio lustroso.

Trepai , ó fertil vide ;
Por vós nos vem buscar Nações inteiras :
 Cubriendo a terra ide
Do negro fruto , ó verdes oliveiras.
 Na fecunda seára
Quanta abundancia Ceres nos prepara !
 O Povo se exercita
Nestas , e n' outras cousas , e enriquece ;
 O REY lhas facilita ,
E a abundancia cada vez mais cresce.
 Por tantos beneficios
Quaes devem ser do Povo os sacrificios ?
 Huma Estatua elevar-te
He a que chega a força dos humanos ;
 E aos vindouros mostrar-te ,
Inda a pezar dos gastadores annos ,
Com que o tempo voraz tudo consome ,
Porque respeitam tua Gloria , e Nome.

O D E.

SE a altiva Roma chora derrotados
Tantos troféos guerreiros
Com soberba arrogancia levantados
De Póvos mil inteiros
Sobre estragos, ruinas, mortandades
Das vencidas Provincias, e Cidades;

Se do Egypto as Pyramides erguidas
Com suspiros ardentes,
Custando tantas lagrimas e vidas,
As subjugadas Gentes,
Apenas na memoria hoje existem,
E do tempo ás injúrias não resistem;

Se do fulgente Apollo o Grão Colosso
Do Mundo maravilha,
Não escapou dos annos ao destroço
Lá nessa Grega Ilha,
E só fervio de dar mudas lições
Á soberba de humanos corações;

Não servem, não, de temeroso exemplo
 À perduravel Gloria
Do Augusto REY, que hoje subindo ao Templo
 Da immortal Memoria,
No bronze, que retrata a Magestade,
Adorado será em toda a idade.

Não tem por base o illustre Monumento
 Alheias desventuras;
Só lhe servem de firme fundamento
 As prosperas venturas
Do Lusó Povo, e a doce paz tranquilla,
Qual a Roma não deo Cesar, ou Scylla.

Levante pois festiva a Lusá Gente
 Até o Ceo sem susto
Essa famosa Estatua ao REY clemente,
 E de CARVALHO o Busto;
Pois que eterna será, e perduravel,
E aos estragos do Tempo incontrastavel.

Embora os monumentos erigidos
 A féros vencedores
Nas ruinas se vejam convertidos
 De que foram authores:
Que os que se erguem da Patria aos Pais mais ternos,
Como os Deoses, que imitam, são eternos.

PORTUGAL TRIUNFANTE
NO DIA DA FELICÍSSIMA
INAUGURAÇÃO
DO NOSSO
MONARCA FIDELÍSSIMO
DOM JOSÉ I.
O D E.

ENTOE a Fama no clarim verbofo
De Portugal a gloria ;
Hoje adornada do Apollineo Louro ,
A fronte encanecida ,
Empunho o aureo Sceptro sobre o Throno ;
Do meu brilhante Imperio ,
Do meu amado Heróe , do REY Inviçto
Corro ao Triunfo.

À sua Effigie , que o respeito influe ,
Reverente me proſtro ,
He de fulgida esfera Astro luzido ,
Onde a luz reverbera.

As Inſignias Reaes , famoſas Quinas ,
O invencível Elmo
Ao Alto REY , que a gloria me conſerva ,
Humildemente offereço.
Da Juſtiça as próvidas balanças ,
A eſpada cortadora ,

Para final do meu amante culto

Aos Reaes pés confagro.

Por este Grande REY, por este affombro

De Virtudes famofas,

A minha fama ha tanto refplandece

Entre as Nações do Orbe :

Elle mudou a face decadente

De Portugal afflicto ;

Os effeitos da horrída defgraça

Valente abate, e doma ;

Ás Artes Liberaes, nobres sciencias,

Deo a mão portentofa ;

O respeito do meu famofó Nome

O meu Heróe augmenta ;

Elle Benigno, Sabio, Invicto, Affavel

Os feus Vaffallos ama.

A Juftiça conferva com cuidado

Á proporção devida,

Á cara Patria, em cujo amor fe inflamma,

Immenfos bens lhe attrahe,

Da Benignidade a chamma ardente

No coração fustenta ;

He Liberal, Magnanimo, Piedofó

Em gráo incomparavel ;

As Artes Liberaes tem protegido

Com premios animado ;

A douta Mathematica fe augmenta ;

O Commercio florece ;

A Hiftoria fe eftuda com difvelo ;

E a nobre Architectura ;

As obras do pincel fazem ciúme
Aos célebres Romanos ;
São tantos da Escultura os seus primores ,
Como confessa o gosto :
O meu Heróe , Monarca inimitavel ,
Delicia dos meus annos ,
Tem feito ao nosso Imperio tão ditoso ,
Tão distincto se mostra ,
Que entre os Reinos , onde a Gloria se ama ,
Tem o lugar primeiro .

Elle incansavel os monstros mais ferozes ,
As implacaveis Furias
Destructoras do Público focego
A Dura Cervís calca ;
A Discordia incansavel tem domado ,
O Furor abatido ,
E desterrado a Ignorancia torpe ,
E a negra Hypocrisia :
Do seu grande Poder estes despojos
Lhe levo em Sacrificio ,
Porque no Dia que o prazer respiro ,
O seu Valor se veja .

Fama immortal do meu Heróe sublime ,
Não cales o seu Nome ,
Publica pelo Mundo , onde já foa
D. JOSÉ PRIMEIRO :
Leva nas tuas azas tão velozes
Dos Lusos o Portento
As incognitas terras , que atégora
Ignoram , que ha mais gentes .

(112)

A P O L L O
VEM NO SEU CARRO
FESTEJAR O FAMOSO DIA
D A
I N A U G U R A Ç Ã O
D O N O S S O
FIDELISSIMO MONARCA
DOM JOSÉ I.

O D E.

DO meu facundo Coro, ó Deusas bellas!
Cujos gentís semblantes
Formosos, e brilhantes,
Que adornados das metricas capellas,
Lançam mais resplendor do que as estrellas,
Mencem vossos dedos crystallinos
Os ricos plectros d'ouro:
Cingi o sacro louro,
Para poder cantar alegres hymnos,
Altisonas Canções, metros Divinos.
Eu tómo a minha Lyra refulgente
Já prompta, e afinada,
E a fronte enramada,
Da minha ingrata Dafne, docemente
Cantarei, e o Heroe da Lusã gente.

Vós

Vós fabeis, lindas Musas, quantas vezes,
 Por ser maior a gloria,
 Não cantei á Memoria
 De fortes malhas, bellicos arnezes,
 Só por cantar ao REY dos Portuguezes.

Já tenho prevenida a branca Aurora
 Neste formoso Dia
 Por mostras d'alegria,
 Que lance hum fresco orvalho sem demora
 Sobre o regaço da esmaltada Flora.

Do meio dia o feu calor ardente
 Farei que se modere,
 Que a Tarde não se altere,
 Antes por hum applauso reverente
 Muitas horas de luz ainda accrescente.

A Noite macilenta, que disforme,
 Envolta em negro manto,
 Serve aos mortaes de espanto;
 Porque a tanto prazer seja conforme,
 Eu farei, que no dia se transforme.

Cada huma de Vós o plectro tome,
 As cordas d'ouro o applique,
 Nobres acções publique,
 Que o tempo gastador nunca confome,
 E cantai do Monarca o excelso Nome.

Cantai ao nosso Heróe, JOSÉ Invicto,
 Benigno, Piedoso, e Justo,
 Mais Sabio do que Augusto,
 Mais do que Numa no reger Perito,
 Mais clemente, que o piedoso Tito.

Elle he mais que Alexandre generoso,
Do que Pompeo amavel,
Mais que Dario affavel,
Mais que Cyro prudente, e valeroso,
E mais que Cefar nas acções famoso.

S O N E T O S
EM APPLAUSO
A'
MEMORIA
D'ELREY NOSSO SENHOR
N O D I A
EM QUE A NAÇÃO AGRADECIDA
LHE LEVANTOU HUMA
ESTATUA EQUESTRE.

I.

NAs Hespanhas fundou em tempo antigo
Ulyffes a Cidade mais formosa,
Porque fosse da Grecia vigorosa
Feliz habitação, vivo jazigo.
Passou depois a ser patrio abrigo,
Da Gente Lusitana belicosa;
Fez-se em Letras, e Armas tão famosa,
Que sempre desprezou qualquer perigo.
Hoje a Figura Equestre, que presente
Se vê, e a do MARQUEZ, que he do POMBAL,
Nome lhe deixarão mais permanente.
A Memoria será sempre immortal
Do Senhor mais famoso, e mais Potente
REY PRIMEIRO JOSÉ de Portugal.

II.

DE quem será, de quem? o insigne Busto,
Empenho nobre do buril perito:
Chega ao perto, e verás, que em mudo grito
Te diz seu nome o pedestal robusto.
Chega-te, Hospede, a ver, chega sem susto,
Que esse REY, cujo Nome vez escrito,
Se em clemencia, e piedade iguala a Tito,
Em magnanimidade excede a Augusto.
Essa Imagem, que o Bronze representa,
He de hum REY o maior, que Lizia acclama,
Dobra o joelho, e depois te ausenta;
E se queres saber como se chama
Aquelle Heroe, que as Armas lhe sustenta,
Vai girar pelo Mundo, e escuta a Fama.

III.

III.

G Emem da terra as intimas entranhas,
 Oprimidas co' pezo delmedido,
 Que o genio da Nação agradecido
 Para memoria põe d'altas façanhas.
 Distantes Póvos, Regiões estranhas
 Ouvem da Fama o Éco repetido,
 E as Cabeças ao som forte, e temido
 Abaixam respeitofas as Montanhas.
 Detem-te hum pouco, e vê, ó Passageiro,
 O Retrato do amor, e da ternura,
 Do Pai da Patria, de JOSÉ PRIMEIRO;
 Que quer deixar assim sua Figura,
 Para ser hum exemplo verdadeiro
 Da Virtude, Constancia, e da Ventura.

IV.

O Mez, que pelo meio o anno córta,
 E a quem faz sempre Cancer companhia,
 Nos mostra alegre o glorioso dia,
 Que deixa á Lusa gente em pasmo abforta.
 Sem a triste empulheta, e a foice torta
 O Tempo vem guiado da Alegria;
 Vem com a Irmã cantando a Poesia,
 Que os corações até ao Ceo transporta.
 A Lusa gratidão de hum modo agudo,
 Este dia feliz distingue, e marca
 Com Monumento, que se explica mudo;
 Em quanto o Nome do maior MONARCA
 Espalha a grande Deosa, que diz tudo,
 Por quanto o Sol rodeia, e o Mar abarca.

V.

Quem ler de Portugal a antiga Historia,
 Nella verá Monarcas celebrados,
 Huns pelas Armas foram decantados,
 Outros pelas Leis conservam a memoria.
 Todos reináram com immensa gloria;
 Pelos Póvos se víram sempre amados,
 E dos proprios respeitos animados,
 Conquistas alcançáram com victoria.
 Mas vemos hum só REY hoje o Primeiro,
 Nas Armas, e nas Letras sem segundo;
 Sendo gloria, he gosto verdadeiro.
 Nas Leis, mostra o Juizo mais profundo;
 E quem Sabio governa sempre Inteiro,
 Mil Estatuas merece em todo o Mundo.

VI.

Não he do Grande Henrique, ó Caminhante,
 Ou de hum dos seis Affonfes a Figura,
 Lembrar Fernando, e os Sanchos não procura,
 E nem Diniz, bem que o Mondego o cante;
 Não he d'algum dos Pedros o semblante,
 Que a Arte déstira a imitar se apura,
 Nem Manoel, o Amado da ventura,
 E nem Duarte da Sciencia amante.
 Não do Guerreiro REY, que nos deo fusto,
 Nem do Velho tirado do Mosteiro,
 Nem dos cinco Joões qual' mais Augusto:
 Olha em roda do Insigne Cavalleiro,
 Prostra-te, adora o Pai da Patria, o Justo,
 REY de Fama immortal, JOSÉ PRIMEIRO.

VII.

VII.

SE revolvo os Annaes da antiga Idade,
Se as Heroicas Façanhas leio ás vezes,
Então vejo aos Monarcas Portuguezes
Affombrar com Acções a Humanidade.
Distinctos pelo Sceptro, e Magestade,
E na douta Minerva, e nos Arnezes,
Não invejam dos bons Carthaginezes,
Nem da Grecia, e da Roma a Heroicidade.
Portugal, não he bem que tanta gloria,
Adquirida, e ganhada no Orbe inteiro,
A reduzas sómente a huma Historia:
Se queres dar por todos verdadeiro
Retrato, dá ao Mundo huma Memoria
Do Pio, do Immortal, JOSÉ PRIMEIRO.

VIII.

A Filha da Discordia, que os Humanos
Arma contra si mesmos, e revolta,
Ergue-se ao Ar, as negras azas solta,
E foge dos felices Lusitanos:
A Morte, o Medo, a Fome, e os infanos
Vicios, de que ella fórma sempre escolta,
Para outra parte muito longe volta,
E deixa de JOSÉ em paz os annos.
Então com as Virtudes sacra Afréa,
Que no seu coração reinando fica,
Derrama os bens, de q' hoje Lísia he chea:
Africa, Ásia, e tu mais nova, e rica
Parte do Mundo, que Elle senhorêa,
Publicai o que Europa assim publica.

IX.

A Quelle, que se offrece por modêlo
A estranhos, e vindouros Soberanos,
He JOSÉ Grande REY dos Lusitanos:
Correi, ó Póvos, a adorallo, e vello.
Amor, Justiça, Piedade, e Zelo
O distinguíram d'entre os mais Humanos;
Assim aos que hão de vir remotos annos
Lisboa agradecida ha de dizello.
E aquelle, que no Busto está presente,
He o Illustre CARVALHO: ide admirallo,
Fiel Ministro, Sabio, e Diligente:
Comvosco, que me ouvís, comvosco eu fallo;
Daquelles dous se póde juntamente
Aprender a ser REY, e a ser Vassallo.

X.

A Tradição nos conta honrados feitos
De Heroes famigerados pela Historia;
Mas se ás nobres acções lhes dá a gloria,
Tambem lhes não occulta os seus defeitos.
Huns á torpe ambição foram sujeitos,
Outros ímpios, ferozes por vangloria,
Só do Grande JOSÉ fica a Memoria
Para modêlo dos Heroes perfeitos.
Ditofo Portugal, nesta adoravel
Memoria, que se erige ao nosso Augusto,
Ficará o teu nome perduravel.
Se os Antigos Heroes tem nome injusto,
O Grande REY, Monarca incomparavel,
He Benigno, he Piedoso, he Sabio, he Justo.

XI.

SOberano REY, se a vosso excelsó Nome
 A Patria lhe erigio troféo tão justo,
 Foi huma pervençaõ do amante fusto,
 Porque ao tempo voraz os passos tome.
 Elle o marmore abate, e o ferro come,
 E destroe o penhasco mais robusto;
 Mashum nome immortal, hum nome Augusto,
 Nenhum tempo o desfaz, nada o consome.
 O nosso grande amor já não precisa
 Alcançar para a fama esta victória,
 Que hum REY por Sabio, e Justo se eterniza.
 Se as virtudes, SENHOR, são vossa gloria,
 Quem de egregias acções se immortaliza,
 Em si mesmo se erige Alta Memoria.

XII.

NÃO cuides, ó meu Rey, q'eu te repito
 Entre amor, e respeito, gosto, e fusto
 Fracas comparações do altivo Augusto
 Do Sabio Julio, do Piedoso Tito;
 Que o louvor, que dos outros anda escrito,
 A ti, que mais mereces, eu o ajusto:
 Se meditára assim, eu fora injusto,
 Muito maiores coufas eu medito.
 Se aquelles Grandes Homens tem subido
 Da alta Memoria ao perduravel Templo,
 E de modêlo a outros tem servido;
 Tu, que maior do que elles eu contemplo,
 O que ha nos mais disperfo tendo unido,
 Serás hum novo, e nunca visto Exemplo.

XIII.

XIII.

E Ra huma vez hum REY, e era huma vez
 A Fama com cem bocas, e hum clarim,
 O REY era animado Serafim,
 E que tinha ao seu lado hum bom MARQUEZ.
 Este, por seu amor, toma, e que fez?
 Porque o Nome do REY não tenha fim,
 Levantou-lhe hum troféo; e quanto a mim,
 Chegava ás nuvens por hum és não és.
 Com que tal, fim senhor, para cantar
 A Fama, se dispunha mui civil
 As acções do MONARCA singular;
 Mas diz-lhe o bom MARQUEZ: Fama gentil,
 Precisas, se o meu REY queres louvar,
 Ém lugar de cem bocas, ter cem mil.

AO ILLUSTRISSIMO,
E EXCELLENTISSIMO SENHOR
MARQUEZ DE POMBAL ,
CONDE DE OEYRAS,
MINISTRO,
E SECRETARIO DE ESTADO
DOS NEGOCIOS DO REYNO,
&c. &c. &c.

S O N E T O .

ALTO MARQUEZ, e da Justiça Escudo,
Firme Columna deste novo Imperio;
Singular a meu ver no Magisterio,
Prudente no conselho, Sabio em tudo.

Das vossas acções esse Bronze mudo,
Pregoeiro ferá neste Hemisferio;
E subindo o louvor até o Etherio,
Por termo parará no ponto agudo.

Só Vós podieis sustentar ufano
O pezo grave de hum poder Altivo,
Discreto, Affavel, Piedoso, Humano.

Ficará vosso Nome sempre vivo,
E diremos, que fostes sem engano
Nos Triunfos do REY sempre excessivo.

AO

A O S E N H O R
B A R T H O L O M E U
D A C O S T A ,
B R I G A D E I R O D A A R T I L H E R I A ,
&c. &c. &c.

S O N E T O .

DE entre a tremula, roixa labareda,
Globofo espesso fumo os ares fende
No lugar, em que activo genio emprende,
Que o metal duro a feu arbitrio ceda;

Porque tudo com ordem lhe succeda
A toda a parte olha, a tudo attende;
Ora modera o fogo, ora o accende,
Não quer que diminua, nem que exceda.

Abre os ductos, e o bronze com brandura,
E hum a fluidez, digna de espanto,
Occupo o molde, forma-se a Figura.

Genio ditoso, que pudeste tanto,
Mostra glorioso a energica Estructura,
Que eu, depois de a adorar, teu nome canto.

F I M.



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).